

O valor imaterial dos presentes: Uma leitura de *A Festa de Anos*, de Luísa Ducla Soares, e de *Um Presente Diferente*, de Marta Azcona

Maria Beatriz de Azeredo Costa*

Resumo

O presente artigo pretende demonstrar que os livros para crianças detêm uma inegável importância na construção da personalidade infantil, em particular no que à aquisição da consciência cívica e relacional diz respeito. Essa reflexão parte da análise de dois álbuns narrativos para crianças de grande qualidade estética e literária – *A festa de anos*, de Luísa Ducla Soares e *Um presente diferente*, de Marta Azcona –, que incidem no tema do valor imaterial dos presentes.

Palavras-Chave: Literatura infantil; valores; presentes

Abstract

This article aims to demonstrate that children's books hold an undeniable importance in the construction of the child's personality, specially which concerns the acquisition of civic consciousness. This reflection focus in the narrative analysis of two albums for children of high aesthetic and literary quality – *The Birthday Party*, by Luisa Ducla Soares, and *A Different Gift*, by Marta Azcona – that focus on the theme of immaterial value of gifts.

Keywords: Children's literature, values, gifts

Nos últimos anos, a literatura infanto-juvenil ganhou um estatuto e uma condição que lhe eram negados no passado, sendo hoje consensual que este subsistema literário possui um papel decisivo na formação estética, intelectual, psicoemotiva e social das crianças. Tanto nas escolas como no contexto familiar, regista-se uma crescente preocupação em proporcionar à criança, o mais cedo possível, o contacto com os livros, sendo de assinalar que se tem assistido, nos últimos tempos, a um aumento significativo, no mercado editorial português e internacional, de livros de grande qualidade estética, atestando uma dinâmica impossível de ignorar e facilitando, em absoluto, a tarefa do adulto-mediador, que assim tem ao seu dispor uma

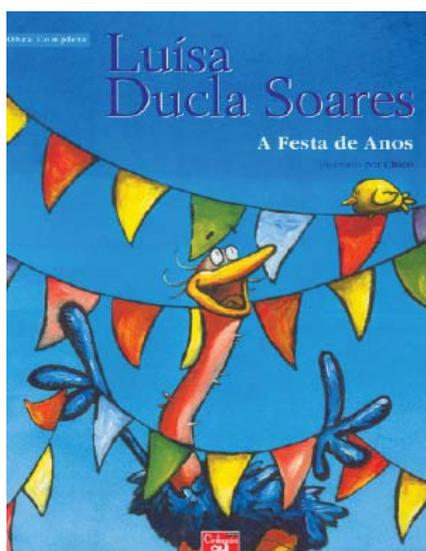
vasta panóplia de livros em que a dimensão artística e a preocupação na inculcação de valores e na educação para a cidadania estão presentes.

Com efeito, educar para novos valores, numa sociedade que, por vezes, se apresenta desgastada e parece esquecer a noção de aceitação da diferença (cf. Abreu, 2010), tem sido uma das preocupações de quem escreve para crianças, mas, ao contrário do que sucedia outrora, as mensagens são atualmente veiculadas nos livros de uma forma subtil, seja através de um registo mais poético-filosófico seja através do humor.

A valorização das diferenças individuais e do respeito pelo outro surge como um dos aspetos mais declinados nos livros para crianças (pré)leitoras, como é o caso das duas obras aqui em análise.

* Mestranda em Educação e Proteção de Crianças e Jovens em Risco na Escola Superior de Educação de Portalegre.

No que diz respeito ao primeiro livro – *A Festa de Anos* –, da consagrada escritora portuguesa Luísa Ducla Soares, ilustrado por Chico e publicado em 2004, a visualização da capa permite-nos desde logo perceber que a festa de anos é referente à avestruz, tanto pelo enorme local de destaque que esta personagem aí ocupa, como pela descrição da contracapa: “a avestruz fazia anos. Resolveu dar uma festa, convidar os amigos. Cada amigo com os seus gostos, aparentemente inconciliáveis. Mas a amizade tudo ultrapassa. Ah! Como é bom ter amigos!”



Estas ilustrações, de traços simples e de cores muito apelativas, prendem facilmente a atenção das crianças e permitem o reconhecimento da situação e das personagens intervenientes na história.

Ao abrir o livro, percebemos que este livro narra a história da avestruz Catrapus que, tal como o título indica, pretende festejar o seu

aniversário junto dos seus amigos: a gatita Tita, o cão Sultão, o rapaz Tomás e a foca Pinoca. A este respeito, refira-se o jogo de sonoridades empregue pela autora na atribuição dos nomes escolhidos para as personagens que integram a história, o que confere à narrativa uma certa comicidade.

Esta narrativa desenrola-se em torno do episódio da festa de aniversário – desde a sua preparação, passando pela entrega de convites feitos em folhas de árvores, até ao lanche especial que a avestruz confeccionou à sua imagem e ao seu gosto, mas em nada apropriado aos seus convidados. A respeito da preparação do lanche, é notória a vontade da avestruz em ter tudo perfeito, mas de acordo com as suas preferências gastronómicas e sem atender aos gostos de cada convidado.

Contudo, não se trata aqui de uma atitude de egoísmo, como muito provavelmente o potencial leitor infantil desta obra depreenderá aquando da leitura, mas sim de uma incapacidade de a avestruz se colocar na perspetiva do Outro e de se descentrar de si própria, confeccionando por isso um bolo que, como fica subentendido pelos não-ditos, é o melhor que, do seu ponto de vista, poderia oferecer aos seus amigos porque tem os ingredientes que ela mais aprecia – bolo de farinha crua, chaves, parafusos e berlindes.

O grau de satisfação desta aniversariante, que se desdobra em “mimos” para com os seus amigos, é evidente aliás na ilustração, em que a personagem surge com uma expressão de extrema felicidade – e com um olhar de gula – ao contemplar o “pitéu” que segura nas mãos e que, com tanta dedicação, preparou para os seus amigos.



O mesmo sucede, aliás, com os seus amigos, que, incapazes de perceberem que a avestruz não tem os mesmos gostos que eles, lhe oferecem presentes de acordo com as suas preferências e, portanto, inapropriados para a aniversariante. É o caso do cão Sultão, que lhe oferece “um osso dos maiores, ótimo para roer”; do rapaz Tomás, que lhe oferece um ovo de chocolate que ele presume ser saboroso; da gatita Tita, que o presenteia com um novelo de lã cor-de-rosa por ser macio, fofinho e bom para jogar à bola; e da foca Pinoca, que lhe oferece umas barbatanas, com o intuito de a avestruz nadar melhor.

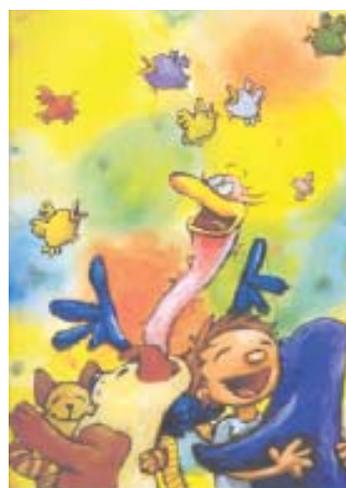
Apesar de nenhum destes presentes ser o mais indicado para a avestruz, ela todos aceita com sincero agrado, encontrando para todos uma utilidade, a saber: a) no caso do osso, decide que ele “é muito bom para meter medo a certos malandros que [lhe] querem arrancar penas para fazerem chapéus” (o que evidencia a intenção autoral de criticar certos comportamentos humanos que denotam desrespeito pelos animais); b) no caso do ovo de chocolate, a avestruz, que fica encantada com a sua “casca maravilhosa”, que “parece prata”, resolve “chocá-lo para ver que bicho nasce”, como se pode ler no texto, uma vez que não tem dentes nem quer “estragar um ovo assim”; c) no que diz respeito ao novelo de lã cor-de-rosa que a gatita Tita lhe oferece, a Catrapus, “entusiasmada”, decide que o fio servirá para forrar o seu ninho; d) por fim, resolve que as barbatanas servirão para enxotar as moscas, já que “tomar banho não é a [sua] especialidade”.

Conforme se pode verificar, os diversos presentes trazidos pelos amigos da Catrapus foram todos apropriados para eles próprios e não para a sua amiga. O mesmo se sucedeu com o lanche preparado pela Catrapus, do qual os amigos apenas puderam beber a “água fresquinha do alguidar”, não lhes restando alternativa a não ser sonhar com o lanche que gostariam realmente de degustar: “O cão sonhava com bifés, o Tomás com gelados, a gata e a foca com peixe fresco”.



No entanto, e como se refere na contracapa, “a amizade tudo ultrapassa” e a festa culmina com todas as personagens a dançarem ao som do chilrear dos pássaros: “o Tomás dançava com a foca, o cão com a gata, a avestruz saracoteava no meio da passarada”.

Nesta passagem, é clara a aceitação da diferença, nomeadamente pela união ente o cão e a gata, personagens por norma antagónicas, que, neste caso, como se pode observar na imagem, emanam uma enorme alegria por estarem juntas.



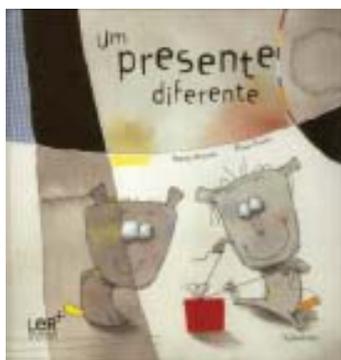
No final da narrativa, quando todos os convidados se despedem, “com a barriga a dar horas”, como refere o narrador omnisciente, o monólogo da avestruz assume-se como mensagem intencionalmente endereçada ao recetor infantil desta obra: “Ah! Como é bom ter amigos! A festa estava tão divertida que até nos esquecemos do delicioso banquete”. O

discurso da avestruz, que traduz a sua incapacidade de, uma vez mais, se colocar na perspetiva do Outro, é sentido pelo leitor como a manifestação de uma certa ingenuidade (ou inocência) desta personagem, a quem tudo é desculpado porque tudo deu com o coração.

No fundo, o mais importante para estas personagens não foi o facto de não terem comida saborosa na festa de anos da Catrapus, mas sim o poderem estar juntos, divertindo-se num ambiente de total descontração e amizade, percebendo-se assim, claramente, o propósito pedagógico da obra, subtilmente veiculado através do humor e da ternura.

No que diz respeito ao segundo livro aqui em análise – *Um Presente Diferente*, de Marta Azcona, com ilustrações de Rosa Osuna e publicado em 2005, tal como sucede no livro de Luísa Ducla Soares, a trama narrativa desenrola-se à volta da festa de aniversário da personagem central e enfatiza a importância de um presente inesperado mas muito útil.

Relativamente à capa, é perceptível a expectativa que o momento da abertura do *presente diferente*, como é anunciado no título, provoca naquelas que o leitor presume, antecipadamente, serem as duas personagens principais desta obra: a de quem oferece – curioso para ver a reação do Outro –, e a de quem recebe, ansioso para saber o que contém o embrulho. A expressão facial das duas personagens, bem como a sua postura, sinalizam justamente esse estado emotivo que as atinge, aguçando a curiosidade do leitor infantil e convidando-o implicitamente a descobrir, dentro do livro, qual será de facto o presente.



A história passa-se no dia de anos do Marcelo, que convida o seu amigo Tristão para lanchar em sua casa. Tudo começa com um pequeno embrulho que Tristão oferece ao amigo. Nesse momento, como se pode ver na imagem, paira a hesitação e a alegria, visíveis no rosto e na postura corporal das personagens.



No entanto, esta alegria depressa se transforma em decepção porque Marcelo esperava receber um pão e não entendeu qual poderia ser a utilidade de um pedaço de pano que sobrava das cortinas da cozinha do amigo: “Preferia um pão mas...”. A adversativa, seguida das reticências que instalam o silêncio na página possibilitando ao leitor preencher os vazios deixados em suspenso, deixam contudo antever uma certa resignação e, no momento seguinte, Marcelo, já esquecido do presente, convida o amigo “para beber um chá e comer uns pastelinhos de nata”, sendo este o momento que inicia a aventura dos dois amigos, e na qual Marcelo se apercebe das inúmeras utilidades que um simples pedaço de pano pode ter.

Desta forma, aquando do lanche, o pedaço de pano serve para se limparem; na hora de darem um passeio, o pano tem a função de protegê-los do sol e do calor; em seguida, serve como vela para navegarem pelo rio ao sabor do vento; do topo de uma montanha, o pano abriga os seus frágeis ouvidos do vento, que soprava muito forte, e, no regresso a casa, o pano permite-lhes voar e escapar aos perigos noturnos.

Curioso é verificar que a ilustração, assumindo a sua função interpretativa, inclui elementos pictóricos não referidos no texto verbal, como é o caso do cão que sempre acompanha os dois amigos, o que permite ao leitor construir outros sentidos possíveis para esta história. Para além disso, em todas estas situações vividas pelos dois amigos, as

ilustrações completam o texto (que termina sempre com reticências), permitindo ao leitor soltar a sua imaginação, como se pode ver na seguinte imagem:



Nas ilustrações está também subjacente a sensação de movimento, fazendo interligação com o texto, como por exemplo, na seguinte passagem: “ (...) subiram a uma montanha onde o vento soprava muito forte.”



No final do intenso dia recheado de aventura, Marcelo acaba por entender a importância do presente, passando agora a dar mais valor a objetos aparentemente mais insignificantes e diferentes, pois estes podem transformar-se em brinquedos inesperados, mas o que está implícito (e, a meu ver, totalmente ao alcance do leitor) é que não é o valor material dos presentes que conta mas sim o afeto com que eles são oferecidos; é, em suma, o seu valor imaterial.

Encontra-se aqui espelhada a problemática do materialismo e do consumismo que está instituída na nossa sociedade, provando que a amizade surge em detrimento de todos esses valores e, aliada a uma imaginação fértil, é capaz de os combater.

De referir que ao longo da história se assiste, na componente pictórica do livro, à presença de uma personagem misteriosa alheia à narrativa que segue os dois amigos nas suas aventuras. No final, aparece com uma tesoura na mão e recorta um pedaço de pano que se encontrava no estendal, fugindo de repente.



Esta personagem pode ser interpretada como alguém que também anseia por esta simplicidade de valores e que busca a amizade pura e verdadeira, que não é possível obter nos mais diversificados brinquedos de cariz tecnológico e moderno a que todas as crianças têm acesso. Provavelmente julgando que o pano é mágico, esta personagem enigmática apodera-se assim de um pedaço, possivelmente na expectativa de encontrar o que não encontra em mais nada.

Esta liberdade interpretativa que é permitida ao leitor só é possível porque as ilustrações são altamente plurissignificativas, desafiando continuamente a imaginação do recetor infantil (e adulto) desta obra.

Em síntese, ambos os livros abordam o tema da diferença e da educação para os valores. Os conceitos de diferença e de igualdade têm uma grande importância na nossa sociedade, pois são eles que determinam, por um lado, a aceitação e, por outro lado, a rejeição. A família e a escola são duas estruturas de socialização importantes para essa transmissão de valores, mas também os livros que falam da diferença assumem uma função importante, pois confrontam as crianças com esta problemática da diferença e ajudam-nas a ultrapassar e a construir o seu mundo interior.

Ambos os livros têm como mensagem o valor imaterial dos presentes, a presença e proximidade do outro, de quem nos quer bem e

por perto, e a grande importância da amizade, porque o valor das coisas não está na importância que têm mas sim na importância que se lhes dá.

Deste modo, a linguagem simples, o texto curto, as ilustrações apelativas dos dois livros aqui analisados – *A Festa de Anos*, de Luísa Ducla Soares, e *Um presente diferente, de Marta Azcona* – são características que permitem cativar as crianças leitoras e transportá-las para um mundo repleto de imaginação. A este facto junta-se igualmente a possibilidade de os leitores refletirem sobre a aceitação da diferença e a educação para os valores.

É importante não esquecer que comportamento gera comportamento e que as crianças tendem a reproduzir os padrões comportamentais dos adultos. Estes pequenos leitores serão os adultos de amanhã, por isso cabe-nos, no meio deste turbilhão de informações disponibilizadas pela atual sociedade moderna, individualista e consumista, saber filtrar o que realmente importa considerar.

Finalizo, se me permitem, com uma reflexão pessoal: qual é a melhor parte quando se recebe um presente? São aqueles instantes mágicos, dois, três segundos antes de se desembrulhar. São momentos intensos em que se misturam a magia e a curiosidade e todos nós, por breves momentos, voltamos a ser crianças.

É desta magia que são feitos os livros de qualidade – sejam eles para crianças e jovens ou para adultos.

Bibliografia

Abreu, J. (2010) *A aceitação da diferença e a educação para os valores em Luísa Ducla Soares*. [Dissertação de mestrado em Literatura Portuguesa: Especialização em Literatura Infanto-Juvenil]. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro;

Benjamin, W. (1984). *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. Ed.. São Paulo: Brasiliense;

Calado, I. (1994). *A utilização educativa das imagens*. Porto: Porto Editora;

Gomes, J. A. (1991). *Literatura para Crianças e Jovens: alguns percursos*. Lisboa: Editorial Caminho;

Joly, M. (s/d). *Introdução à análise da imagem*. Lisboa: Edições Setenta;

Meireles, C. (1951). *Problemas da literatura infantil*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial;

Mergulhão, T. (2008). *Relação texto-imagem no livro para crianças: uma leitura de Bernardo Faz Birra e Quando a Mãe Grita....* Atas do 1.º Congresso Internacional de Estudos da Criança Infâncias Possíveis, Mundos Reais, Braga, Universidade do Minho;

Silva, S. R. da (2003). *Das palavras às ilustrações: Uma leitura de O Nabo Gigante e de O João e o Feijoeiro Mágico*. In *Malasartes* [Cadernos de Literatura para a Infância e Juventude], n.º 12, Novembro de 2003, pp. 7 – 16

Sites Consultados

Literatura para crianças e desenvolvimento social: http://www.eselx.ipl.pt/curso_bibliotecas/infanto_juvenil/tema3.htm. Acedido a 6 de Janeiro de 2012.

Literatura infantil: [http://www.infopedia.pt/\\$literatura-infantil](http://www.infopedia.pt/$literatura-infantil). Acedido a 7 de Janeiro de 2012.

Tesouro Poético da Infância: [http://www.infopedia.pt/\\$tesouro-poetico-da-infancia](http://www.infopedia.pt/$tesouro-poetico-da-infancia). Acedido a 7 de Janeiro de 2012.